

**LÍNGUA LATINA: REFLEXÕES INSTIGADAS  
ACERCA DE LÍNGUAS VIVAS DO PASSADO**

*Nina Oliveira Teixeira (UFF)*  
[nina\\_teixeira@id.uff.br](mailto:nina_teixeira@id.uff.br)

**RESUMO**

Como fruto das reflexões de um projeto de monitoria de Latim da Universidade Federal Fluminense, este trabalho objetiva abranger brevemente questões observadas e defrontadas ao longo do ano letivo de 2019. Contemplando a realidade dos alunos ingressantes no curso de Letras e visando oferecer um conteúdo adequado para introdução ao nível superior e voltado para estudos clássicos, desenvolveu-se um raciocínio acerca de estereótipos da língua latina, de formalidades da metodologia utilizada para com línguas antigas, incluindo a tradição gramatical, e acerca dos primeiros contatos para com línguas declináveis. Estabelece-se, ainda, apontamentos relacionados a temas da Linguística e da Teoria da Literatura, aplicados à transmissão da cultura clássica de forma crítica. Neste trabalho, esclarece-se conceitos e ideias circundados pelo senso comum a despeito, especialmente, das noções de “língua morta” e de características infundamentadas sobre o idioma de Cícero, além de menções e propostas para abordagens didáticas.

**Palavras-chave:**

Estereótipo. Latim. Metodologia. Língua morta. Língua viva.

**ABSTRACT**

As a result of the reflections of a Latin tutoring project of Universidade Federal Fluminense, this essay aims to briefly cover questions that were observed during the academic year of 2019. Contemplating the reality of the students who got into the Language Course and aiming to offer a suitable content for the introduction at the university and destined to classic studies, an idea about Latin language stereotypes, formalities of the methodology used for the ancient languages, including grammatical tradition, and about early contacts with declining languages has been developed. It is also established some ideas related to Linguistic and Literature theories, applied to the transmission of the classic culture in a critic way. In this essay, concepts and ideas are highlighted and explained, especially, the “dead language” notions and the unfounded characteristics related to Cicero’s language. Besides that, this paper will provide some mentions and suggestions for didactics references.

**Keywords:**

Dead language. Methodology. Stereotype. Latin language. Modern language.

**1. Introdução**

É significativo o grande reconhecimento que se faz acerca da influência da cultura clássica para o Ocidente, mas esse reconhecimento

coincide com o pouco conhecimento que se tem de tais matrizes. Octavio Paz (1970) afirma em uma de suas obras: “Dentro de cada língua se reproduzem as divisões: épocas históricas, classes sociais, gerações”. Aparentemente, as pessoas têm consciência disso – as influências da Antiguidade são, de fato, inegáveis –, no entanto, perguntas como “pra quê estudar latim?” ou “qual a utilidade de aprender latim?” não cessaram. Logo, torna-se evidente que a informação massiva que se tem em relação às bases da sociedade atual não passa de dados adquiridos e não codificados ou sequer investigados: ao menos nessa área, a sociedade encontra-se num típico estado do automatismo.

Soma-se a esta situação a ausência de transmissão da cultura greco-romana no ensino básico brasileiro e, por conseguinte, diferentemente de muitos países que dão maior valor às origens da sociedade, as universidades recebem alunos que nunca foram introduzidos em tal área do conhecimento, o que é um grande atraso para o ensino superior, notadamente às áreas humanísticas. Há ainda a questão dos métodos didáticos que, embora sejam utilizados em larga escala e se mostrem eficientes, muitas vezes se prendem a questões formais e prescritivas, corroborando em certos aspectos para a formação de estereótipos dos estudos de línguas antigas de maneira geral. Diante de tais assuntos, serão relevantes alguns apontamentos, questionamentos e análises que abordem esses itens de modo conciso e reflexivo.

## **2. *Sobre os estereótipos de uma língua viva do passado***

São conhecidos os estereótipos do latim e daqueles que o estudam. Uma disciplina extremamente normativa e gramatical, exigente de memorização e de grande esforço de raciocínio, ao ponto de ser capaz de aguçar a inteligência daquele que a estuda. E mais, muitos acreditaram que a língua latina é, além de muito difícil, dotada de uma espiritualidade especial, propícia a elevar o espírito do estudante, até mesmo forjando o caráter de quem se debruçar aos estudos sintáticos e lexicais e em seu complexo sistema de caso gramatical. Pode-se citar, nesse contexto, Napoleão Mendes de Almeida (1946), quando busca esclarecer qual a finalidade primeira da aprendizagem dessa língua, não se prendendo à benefícios para com a língua portuguesa:

Quando o aluno compreender **quanta atenção exige o Latim, quanto lhe prendem o intelecto** e lhe deleitam o espírito as várias formas flexionais latinas, a diversidade de ordem dos termos, a variedade de construções de um período, terá de sobejo visto a excelente cooperação, a real

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

e insubstituível utilidade do Latim na formação do seu espírito e a razão de ser o Latim obrigatório nos países civilizados.

[...]

Não é para falar o Latim que o ginásiano estuda esse idioma. **Para aguçá-lo seu intelecto, para torná-lo mais observador, para aperfeiçoá-lo no poder de concentração de espírito, para obrigá-lo à atenção, para desenvolver o espírito de análise, para acostumar-se à calma e à ponderação, qualidades imprescindíveis ao homem de ciência,** é que o ginásiano estuda esse idioma. (ALMEIDA, 1946 *apud* SANTOS SOBRINHO, 2013, p. 57) (grifo do autor).

É válido mencionar, ainda, um discurso prefacial do *Ludus Tertius*:

Se o LUDUS TERTIUS contribuir, ainda que em escala mínima, para que o Latim alcance a sua finalidade, isto é, formar a inteligência do aluno, robustecer-lhe a vontade, educá-lo o sentimento estético, discipliná-lo a fantasia, o autor se dará por satisfeito e por bem pago de todas as canseiras, que acompanham a elaboração de semelhante obra. (VALENTE, 1953 *apud* SANTOS SOBRINHO, 2013, p. 57)

Diante disso, é indispensável elucidar que o latim é uma língua normal; é importante como qualquer outra. O sistema de caso gramatical e a natureza sintética da língua latina são pontos complexos para o falante de português, uma língua analítica que prioriza a ordem das palavras à forma. Mas a língua grega segue este mesmo padrão (com a ausência do caso ablativo). Há outras línguas naturais e atuais que também são declináveis, como o alemão (quatro casos) e o russo (seis casos). Ou seja, este sistema gramatical não é exclusivo da morfologia latina e, nesse viés, vale lembrar que dizer que latim é difícil, inglês é fácil, francês é bonito, espanhol é romântico, dentre tantas outras adjetivações que se fazem no senso comum, são afirmações sem bases sólidas e sem parâmetros de avaliação. As línguas são diferentes e funcionam por meio de similaridades e disparidades, e uma coisa não suprime outra. Em outras palavras, as línguas são diferenciadas e não hierarquizadas ou avaliáveis entre si. Sob esta perspectiva, Octavio Paz (1970) apresenta a noção de singularidade e pluralidade das línguas, propondo, inclusive, a tradução como veículo dessas singularidades e entendendo a diferença entre as línguas como insuperável e riqueza para os estudos de tradução. Vale citá-lo em seu texto “Literatura e Literalidade”:

Pluralidade de línguas e sociedades, **cada língua é uma visão do mundo**, cada civilização é um mundo. [...] por um lado tradução suprime as diferenças entre uma língua e outra; por outro, as revela mais plenamente: graças à tradução, nos inteiramos de que nossos vizinhos falam e pensam de um modo distinto do nosso. [...] o mundo se apresenta para nós como uma coleção de heterogeneidades, [...]. (PAZ, 1970, p. 3-4) (grifo

Todas essas ideias preconcebidas acerca de línguas, em especial a latina, são produtos de expectativas e de falsas generalizações fomentadas pela falta de conhecimento real do assunto. Vale enfatizar que se tais estereótipos condissessem com a realidade do latim, inevitavelmente também valeriam para as demais línguas que dele se originaram, como o português. Na edição *Para Conhecer Sociolinguística* da coleção da editora Contexto, encontra-se a esclarecedora afirmação:

[...] ainda somos falantes de latim, mas de um latim que já passou por tantas **mudanças** e que já se envolveu em cenários históricos e políticos tão diversos que acabou recebendo um novo rótulo: português. (COELHO *et al.*, 2018, p. 8-9) (grifo nosso).

Assim, todos os elementos que uma língua precisa para legitimar-se e que são encontrados nas línguas modernas encontram-se também no latim: há agregação de cultura, sociedade, literatura e comunicação como em qualquer língua natural, seja atual ou antiga. Inclusive, o processo de aquisição de linguagem (ou de L2) ocorreria normalmente se houvesse um meio social ativo de uso da língua falada, no qual o indivíduo deveria ser submerso. Nesse ponto, é interessante mencionar a Gramática Universal como uma importante teoria que refuta tais estereótipos formados. Segundo o gerativismo e o inatismo, trata-se de um estado cognitivo inicial, de um sistema já estruturado, pertencente à faculdade de linguagem – uma dotação genética do ser humano que contém propriedades comuns a todas as línguas naturais. Basicamente, há um sistema fixo de princípios parametrizados, cujos valores são “acionados” nos primeiros contatos com uma língua. Há princípios que não são acionados em uma língua X, mas que serão acionadas em uma língua Y; dessa forma, a diferença existente entre as línguas se explica justamente nas diversas possibilidades de fixação desses valores. Chomsky (apud FIORIN, 2015) ilustra claramente esta teoria em uma famosa metáfora: os parâmetros são as chaves de um quadro de força elétrica – cada posição das chaves refere-se a uma língua distinta, de modo que se estabeleçam propriedades, algumas compartilhadas e outras não, por meio das quais se categorizam as línguas do mundo. Fiorin (2015), em seu capítulo “A natureza da linguagem humana”, explica esse fato:

Sendo assim, se as línguas naturais parecem, a olho nu, utilizar-se de processos gramaticais extremamente diversos, essa diversidade é apenas aparente, pois o fato de a faculdade da linguagem ter seu estado inicial geneticamente fixado significa que ela tem na sua base princípios gerais universais, comuns a todas as línguas. (FIORIN, 2015, p. 96)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Antes de encerrar satisfatoriamente este tópico, é imprescindível abordar o tão divulgado e pouco pensado termo “língua morta”. Pela denotação, o adjetivo refere-se a algo que se apagou, que está extinto, falto de movimento ou atividade, dentre tantas outras definições. Mas o ponto central e questionável dessa designação gira em torno de perguntas como as seguintes: como é possível abstrair e produzir tanto conteúdo a partir de algo morto? Como pode algo morto ter tanta utilidade e perpetuar-se dignamente como influência direta, em vias de mão dupla com tantas áreas do conhecimento humano? O latim posiciona-se como ponto de contato com a civilização romana e até mesmo helenística (muito do que se perdeu da língua grega foi reproduzido e emulado pelos latinos) – uma ponte como essa nunca morre, mas permanece, no mínimo até que o último grafema registrado seja perdido. Diante disso, torna-se óbvia a necessidade de desconstruir tal conceito. “Procuramos, ao menos, tratar o Latim como uma língua que viveu”, diz Marouzeau, citado na abertura do prefácio de Ernesto Faria em *O latim pelos textos* (1935).

Uma parte gigantesca do tesouro histórico-linguístico-cultural da humanidade foi produzido em latim e traduzido para o latim – diga-se de passagem, Roma, no fim do século primeiro, era considerada o centro cultural do mundo, inclusive pelos gregos. A riqueza de conhecimento apenas cresce exponencialmente com cada arquivo descoberto, estudado ou traduzido; sabe-se que toda essa bagagem cultural é viabilizada mediante a escrita, em especial, que se perpetua através do tempo diante da oralidade que há muito silenciou. Ademais, é considerável a visão que contempla tais legados como convergência entre o passado e o futuro, justificando por demais os estudos, sobretudo, históricos, em cujos objetivos resumem-se em perscrutar o passado a fim de compreender o presente e aprimorar o futuro. Em *Aprendendo Latim*, Peter Jones e Keith Sidwell (2012, p. xxxiv) relatam sabidamente: “Sem a mediação de Roma, nossa cultura seria bem diferente e, provavelmente, muito mais pobre”.

Em um artigo em que o ensino do latim na primeira metade do século XX no Brasil é analisado, Santos Sobrinho (2013) faz uma citação exibindo uma designação da legislação que estabelece línguas modernas como línguas vivas, possibilitando o oposto: a qualificação de língua morta. No referido artigo, o professor lança mão de imagens naturalistas relacionadas a um ser vivo em comparação à língua latina de forma muito inteligente. Nota-se:

Os mais antigos documentos latinos datam do século VI, antes de

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Cristo [**o nascimento conhecido do latim**]. Vida tão longa, área geográfica tão extensa, e além disso o poderemos fazer ascender à sua unidade primordial [**os pais do latim**], estabelecida pela literatura, um grupo considerável de línguas [**as irmãs do latim**], contrariamente ao que se sucede a outros não menos consideráveis, por exemplo, o germânico e o eslávico [**os da convivência, já mortos**], convertem o latim em um tesouro inexaurível de fatos para o investigador que pretenda averiguar como é que uma língua que começa [**nasce**] modesta, e circunscrita num território bem determinado pela Geografia e pela história, se desenvolve [ **cresce**], decai [ **envelhece, adocece**], readquire alento [ **convalesce**], floresce [ **possibilita a frutificação, os filhos**], e se decompõe [ **apodrece e morre**], voltando a vegetar em pobres condições [ **morre mas não é enterrado, morre, mas não morreu**]. (VASCONCELOS, 1947, p. ix *apud* SANTOS SOBRINHO, 2013, p. 43) (grifo do autor)

Outrossim, não é irrelevante lembrar os avanços científicos do século XX que priorizaram mormente o utilitarismo, focalizando estudos da medicina e das exatas. Tal visão, inevitavelmente, sugestiona o pensamento dos estudantes a uma perspectiva desinteressante de inutilidade obsolescente. Tal ocorrência soma-se a práticas desajustadas e limitadas a um ensino exaustivo de gramática, corroborando para mais estereótipos dos estudos de línguas clássicas – substancialmente, a influência de manuais de gramática transmite a língua numa perspectiva de imobilidade, não contribuindo para uma visão de seu funcionamento.

Diante do exposto, a Universidade de Coimbra realizou um estudo acerca de reflexões e tendências de didáticas de língua latina e constatou que o ensino de latim persiste em países cujas línguas maternas não são neolatinas; por isso, tais países atestam a vitalidade das línguas grega e latina mediante as heranças repercutidas em vários domínios, como as artes plásticas, teatro, literatura, filosofia, retórica, direito, música, ciências, entre outros, além de admitirem que o latim enriquece o léxico de muitas línguas, sejam oriundas dele ou não. Para mais, há de se assumir, também, uma finalidade própria de cultura e formação que essa língua viva do passado é capaz de encerrar em si.

### **3. Desconstruindo os esterótipos por meio de metodologias**

Percebem-se simplificações, idealizações e normatizações próprias de manuais e compêndios gramaticais como desencadeadores de tais preconceitos relacionados aos estudos clássicos. Uma maneira eficiente para combater essa situação é abordar a língua em seu uso, incluindo no ensino elementos de metalinguagem antiga, de modo que não se coloque em enfoque somente a língua – ou o sistema linguístico, no caso, a-

presentado imóvel –, mas também a cultura que ela emerge. Em outras palavras, lançar mão da tradição gramatical, tais como as obras de Prisciano, Varrão, Donato, Augustinus, entre outros, de forma a avançar em conhecimento epistemológico. Acrescentar *Gramatici Latini*, sistematizando o legado escrito da cultura romana numa abordagem direta e totalmente original, certamente será de grande valor para a disciplina de língua latina, mas não o único meio eficaz de acesso ao mundo antigo.

Petrônio, no *Satyricon*, diz:

E por esta razão considero que os adolescentes se tomam inteiramente estúpidos nas escolas: porque aí eles não ouvem ou veem nada daquilo que temos necessidade [...] mas, sim, acerca do açucarado rodeio de palavras e de tudo que se diz e que se faz como que salpicado com papoula e sésamo. (PETRÔNIO. *Satyricon*.<sup>193</sup> *apud* FORTES, 2010, p. 63)

Infelizmente, o trecho emerge uma crítica ainda plausível na atualidade. E, aliás, também há de ser combatido o preconceito que enxerga o latim como uma disciplina conservadora e saudosista, resumida a mero exercício de erudição, quadros e tabelas fatigantes, descrevendo infundavelmente categorias linguísticas do seu período clássico segundo a gramática tradicional, e sustentando-se nas grades obrigatórias das graduações em Letras. O grande problema dessa “síndrome de gramatiquismo” é alimentar a ideia de que latim é uma “língua difícil” e “para poucos” – além das imprecisões linguísticas da tradicionalidade. Nesse pensamento justificam-se ideais como a de uma “língua feita de lugares-comuns, que, por mais que lapidares, faz do latim uma língua morta!” (LIMA, 1995, p. 25 *apud* FORTES, 2010, p. 64). Reforçando: “o pior serviço que se pode prestar a essa disciplina é precisamente o de conservá-la só por saudosismo acrítico” (COVA, 1982, p. 24 *apud* FORTES, 2010, p. 65).

Basicamente, seria de grande eficácia trazer à tona os textos que dão vida a Roma, apresentando a gramática sob as perspectivas daqueles a constituíram, tendo em vista dar sentido à língua latina – nota-se que lançar mão de autores latinos uniria a força de transmissão de originais à satisfatória substituição de abordagens artificiais, as quais restringem a língua em sua essência. Significa recolocar em cena o homem do passado que falava a outro homem nessa língua, e assim a existência vivaz da língua se torna possível. Isso fomentará um ambiente de motivação, distanciando das monótonas, inertes e inquestionáveis regras de gramática enquanto aproximará o estudante a uma esfera mais simpática e interessan-

---

<sup>193</sup> Tradução de Sandra Braga Bianchet.

te. Adequadamente, pode ser vantajoso até mesmo incentivar o uso coloquial do latim, por meio da leitura de textos, perguntas e respostas em latim, entre outros métodos que enfoquem a Abordagem Direta, mas não necessariamente em detrimento de abordagens indiretas, como da Gramática e Tradução. O propósito é minimizar as diferenças entre essas aulas e as de línguas modernas; pode-se, também, fazer uso de mapas, fotografias, imagens, pequenos diálogos, publicidade, entre outros elementos. Nessa experiência, haverá maior enfoque aos autores consagrados, de forma que não haja desprestígio de seus universos culturais e ideológicos, reduzindo a ocorrência de frases soltas, descontextualizadas e muito adaptadas e, conseqüentemente, reduzindo visões estereotipadas acerca da língua latina. É apropriado finalizar este ponto do artigo com uma citação que evidencia os principais meios e fins de abordagens diretas, as quais entendem a linguagem mais como um fenômeno mental do que como um acontecimento social – ressalta-se, antes, o benefício de mesclar abordagens e não se restringir formal e inflexivelmente a nenhum intuito particular.

[...] os principais postulados do método direto são os seguintes: a) a coisa, o ato, a ideia serão associados diretamente com a expressão latina e não com uma tradução em língua vernácula; b) as formas e sintaxe serão ensinados pelo uso, indutivamente e não como fenômeno abstrato para ser aplicado posteriormente à própria língua; c) a compreensão deve vir antes da tradução, que é, nos anos posteriores, um valioso exercício, mas não o objetivo último; d) o manejo oral da palavra, por ser mais flexível, precederá a escrita. (NÓBREGA, 1962, p. 160 *apud* QUEDNAU, 2011, p. 330).

#### **4. Inovações em trilhos do passado: por que não aplicar o conceito de arte ao latim?**

*“Se agi inconscientemente, era exatamente como se não o tivesse feito [...] se toda vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se esta vida não tivesse sido.”* (TOISTOI, 1897 *apud* CHKLOVSKI, 1917, p. 44)

Já foi abordada a questão de dar sentido à língua latina anteriormente. Há uma certa atração nas áreas da Linguística que estudam o significado e os sentidos do mundo – principalmente em campos comuns à Arte, à poesia e à Teoria da Literatura. Sabendo disso e no contexto discorrido, busca-se estabelecer uma conexão entre alguns pensamentos a-



cerca da imagem poética com o latim e seus entornos circunstanciais.

A partir da definição sugerida por Massaud Moisés (*Apud* MOURA), a imagem é:

[...] um vocábulo de ampla instabilidade semântica, não só porque é empregado com frequência na linguagem cotidiana e na linguagem científica, filosófica, psicológica etc., como porque no terreno propriamente literário, exhibe conotações variáveis, discutíveis e infensas a todo esforço de precisão e rigor. (MOISÉS *apud* MOURA, 2013) (vídeo)

É possível identificar pontos de convergência do trecho acima com a realidade da língua latina. Uma palavra diante de uma língua, ambas dotadas de complexidade. Sabendo da complicação que a definição de imagem poética carrega, há de ser feita uma restrição essencialmente às visões de Victor Chklovski (1978). É evidente que a língua latina e a imagem poética podem parecer objetos muito distantes, no entanto, há muitas ideias a respeito das imagens poética e prosaica que podem ser aproveitadas para o latim, dada sua condição atual. A saber, inicialmente, o latim também resguarda um lado instável e variável (considerando-o como uma língua em uso) e, apesar de, em certos ângulos, ser submetido a visões que o julgam estático e “morto”, é também irritado pelos “esforços de precisão e rigor”.

Considerando que o trabalho das escolas poéticas não se resume na criação de novas e atuais imagens, mas no acúmulo e na revelação de novos procedimentos para com as imagens já existentes, pode-se dizer o mesmo a respeito do latim, conforme algumas propostas de metodologias que estão surgindo e ressurgindo na contemporaneidade. A maneira de perceber está totalmente vinculado à Teoria da Literatura e à Arte, e é um aspecto importantíssimo para examinar as imagens poética e prosaica. E a maneira de perceber é o que viabiliza ou preconceitos e estereótipos ou uma visão mais aguçada e realista acerca da língua latina. Nesse sentido, Chklovski (1978) destaca a automatização e o reconhecimento de formas como pontos que precisam de atenção em relação à percepção de imagens poética e prosaica – aqui essas ideias serão direcionadas à concepção do latim. A respeito da imagem prosaica, entende-se que esta visa a lei da economia das energias criativas, economia de atenção, e visa, também, o caminho mais fácil. Qualquer relação com os estereótipos formados do latim é mera coincidência. Afirmar que o latim está morto é uma questão nítida de economizar energias criativas e de não pensar acerca do assunto. À semelhança do que ocorre na imagem prosaica, em que se aloja um pensamento máximo em um mínimo de palavras, sem esforço de

interpretação – como em expressões idiomáticas cristalizadas –, assim, considera-se pouco diante de uma vastidão de essência na língua latina.

A imagem prosaica é de natureza cotidiana: trata-se de um discurso ordinário e econômico, por isso aceita uma percepção habituada de construções, que resulta na automatização. Em suma, na imagem prosaica, em oposição à imagem poética, ocorre o automatismo, em que se obtém a máxima economia de energias de forças perceptivas e cujos objetos dados não aparecem no campo da consciência, mas fogem para o meio inconsciente do habitual. Isso pode ser associado aos estereótipos do latim pois são irrefletidos e entendidos habitualmente: ao ouvir dizer algo em latim ou sobre ele, logo vêm à mente os preconceitos daqueles que não o compreendem realmente; a seguir questionam sua utilidade e vivacidade, corriqueiramente. O ponto central dessa comparação é que, sob a influência desse tipo de percepção reconhecadora de forma automática, o objeto enfraquece, ou, por assim dizer, é empobrecido. O latim, como a imagem prosaica, é desvalorizado à luz de tais interpretações.

Neste ponto, encontra-se a arte. Intentando o auge de sentir os objetos, desenvolver a sensação de vida e buscar sempre o gosto da primeira vez: para isso existe a arte. Ansiando proporcionar visão em vez de reconhecimento para com o objeto, aumentar a dificuldade e a duração da percepção; singularizar – nesse sentido se diz que a percepção, em arte, é um fim em si mesma. Aplicar arte ao latim seria um feito magnífico para o ensino da língua e para sua difusão. Em proveito de se tratar desse lado tão belo e nobre idealizado pelo artístico, diga-se de passagem, uma frase famosa do filme Sociedade dos Poetas Mortos que tem muito a esclarecer a finalidade da arte: “medicina, lei, negócios e engenharia são ocupações nobres para manter a vida. Mas poesia, beleza, romance e amor são razões para ficar vivo”. A respeito dessa pretensão de aplicar arte ao ensino e à concepção de uma língua antiga, há um paralelo possível para com uma questão abordada em *Da Tradução Como Criação e Como Crítica*, de Haroldo de Campos. O autor fala sobre tradução como forma de arte, a qual objetiva o impossível, mas colocando não de forma depreciativa, mas encontrando motivo para mesmo assim buscá-la. Assim, mesmo que pareça um objetivo utópico aplicar arte ao latim, será artístico e com certeza valioso insistir em fazê-lo. Nesse item, Campos cita Paulo Rónai:

O objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatúário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível. (RÓNAI, 1956 *apud* CAMPOS, 1976, p. 2).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Agora, entendida a imagem prosaica e já comparada à realidade da visão que se tem do latim, há de se abordar a imagem poética. Como sempre em oposição aos traços da imagem prosaica, a imagem poética busca criar a impressão máxima do objeto. Ou seja, deter-se na imagem até sugar dela o ápice do seu conteúdo que é tão ansioso para ser comunicado até onde for possível compreender no momento. Desse modo, o objeto é liberado do automatismo perceptivo e, assim, já não é enfraquecido, mas enriquecido, passa a ser lido com todos os seus sentidos e interpretações que proporciona; passa a ser objeto digno de pensamento e investimento de tempo para sua compreensão. É digno de atenção o quanto seria proveitosa a aplicação desse conceito ao estudo do latim.

Retomando o eixo paradigmático de Saussure, intenta-se atingir as noções possíveis proporcionadas pelo objeto. Trata-se de uma análise muito mais profunda, não se trata da relação sintagmática, que se dá em presença, apenas, mas de buscar entender e captar as possibilidades em ausência dos signos. Nisto consiste o empenho da imagem poética que se encaixa ao trabalho do estudioso de línguas antigas, sejam tradutores, professores, poetas ou linguistas.

Na imagem poética, o receptor recorre para a análise profunda, na qual há um desgaste de energias perceptivas, por meio do estranhamento. É preciso ressaltar que a imagem poética desloca o ponto de vista com o intuito necessário de causar estranhamento; não basta apenas deslocar o ponto de vista, mas é preciso gerar um efeito de estranhamento, efeito de algo que não é ordinário e cotidiano, de algo que precisa ser visto e não reconhecido. O ápice deste ponto seria a singularização: um olhar diferenciado para causar estranheza que só a linguagem poética pode alcançar. Sabendo que o estranhamento é próprio da crítica literária, é possível que a aplicação de todos esses conceitos de imagem poética à língua latina cause surpresa, especialmente a visões mais tradicionais e conservadoras. No entanto, o foco seria atingir o estranhamento para o cidadão leigo, que pouco sabe acerca do latim e de sua transmissão e, também por isso, pouco se interessa, e talvez até desdenhe de seu estudo – talvez esse estranhamento o instigue a saber mais sobre o assunto e a policiar preconceitos. Fundamentalmente, tudo dito anteriormente se resume a ampliar a significação observada e criar uma percepção particular (deve-se lembrar, aqui, que toda imagem poética possui um estranhamento intrínseco, mas nem todo estranhamento é sinal de imagem poética). É importante frisar também que o grande tópico de comparação entre esses conceitos e o latim é o olhar que se tem sobre eles, não necessariamente as

imagens em si.

Pode-se reconhecer similaridade com a língua latina, ainda, quando Octavio Paz (1972, p. 49), em seu texto *Signos em Rotação*, afirma “o dizer poético diz o indizível [...] Outra vez: o sentido da imagem é a própria imagem”. Vale ressaltar que comparações não são absolutas ou perfeitas: são analogias, análises em que se identificam aspectos em acordo, não necessariamente todos.

Finalmente, depreende-se de tudo isso, a conclusão de que o latim pode ser enxergado como uma imagem poética que, infelizmente, é interpretada como uma imagem prosaica. A palavra-chave aqui é subestimação.

### **5. Considerações finais**

A língua latina é muito mais do que diz o senso comum. A partir de tudo o que oferece em termos culturais, históricos, científicos, linguísticos e de diversas áreas do conhecimento, pode-se produzir conteúdo infindavelmente. No entanto, é preciso lembrar que não se trata de uma língua superior a outra, apesar de oferecer quantitativamente mais material do que algumas línguas ainda não foram capazes de elaborar – material enriquecido e valorizado na passagem do tempo. Esquadrinhar os aspectos de uma língua, seja antiga ou moderna, sempre acrescentará muito. Deve-se salientar também a necessidade de desconstruir estereótipos e preconceitos arraigados à grosso modo na sociedade, justificáveis especialmente pela quase inexistente difusão de conhecimento na educação básica e por métodos extremamente tradicionais e gramaticais nas excepcionais e raras classes de latim existentes atualmente.

Vale afirmar, além do mais e finalmente, que o latim e outras línguas antigas são grande alvo da tradução e adaptação, também em relação a recepções de suas literaturas. No tocante à proposta sugerida neste artigo para a língua latina, acentua-se a definição de adaptação sugerida por Linda Hutcheon, em seu livro *A Theory of Adaptation* (2013). A autora discorre acerca da reinvenção e da revitalização do familiar, como uma “revisitação de um tema com variações” (Cap. 4, p. 159). Ela aborda uma transposição criativa e interpretativa de obras reconhecíveis e, mais à frente, fala sobre o “um movimento conceitual para frente e para trás entre a obra que conhecemos e aquela que estamos experienciando”, abrangendo o contexto sócio-histórico-cultural do momento como fator

relevante para construção do significado e de forma palimpséstica.

Enfim, por meio dessas ideias, resumem as análises e comparações feitas até aqui. Revitalizar o que um dia viveu, mas nunca morreu; eventualmente, reinventar o estereotipado para trazê-lo mais perto de sua realidade na concepção da sociedade de maneira geral. Chega-se, assim, à conclusão desta discussão com um dito famigerado de Ernesto Faria, que muito descreve a realidade atual:

Em nossa sociedade contemporânea, a Antiguidade **permanece** um motivo de escândalo e de contradições: uns atacam-na, outros a defendem; ninguém pode ignorá-la nem ficar indiferente às questões que ela propõe: tal é a melhor prova de sua **existência**. Uma pessoa só se ocupa do que **existe**, só se combate o que **resiste**. É, pois, esta **vida** que nos propomos estudar em seus principais aspectos. (FARIA, 1935 *apud* SANTOS SOBRINHO, 2013, p. 51) (grifo do autor)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECCARI, Alessandro Jocelito; BINATO, Cláudia Valéria Penavel. *A abordagem indutiva contextual da série lingua latina per se illvstrata de hans henning ørberg*. [2014]. Disponível em: <http://revistas.iel.uni-camp.br/index.php/phaos/article/view/4605/5231> Acesso em: 14 set. 2019.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: \_\_\_\_\_. *Metalinguagem – Ensaios de Teoria e Crítica Literária*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 21-38

CHKLOVSKI, Victor. *A arte como procedimento*. In: TOLEDO, Dionísio (Org.). *Teoria da Literatura [Formalistas russos]*. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 39-56

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018. (Coleção para conhecer linguística)

FERREIRA, Fátima. Didática do Latim: reflexões e tendências. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/42968/1/Didatica%20do%20latim.pdf> Acesso em: 14 set. 2019.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-796-6

FORTES, Fábio da Silva. A “língua” e os textos: gramática e tradição no ensino de latim. Instrumento: In: *Rev. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, V.*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

12, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18669> Acesso em: 23 nov. 2019.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. 2. ed. Trad. de André Cechinel. Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 2013. 280p. Título original: *A Theory of Adaptation*.

JONES, Peter V.; SIDWELL, C. Keith. *Aprendendo Latim: textos, gramática, vocabulário, exercícios*. Trad. e supervisão técnica de Isabella Tardin Cardoso e Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Odysseus Editora, 2012. Disponível em: <https://classroom.google.com/u/0/w/MzY2Njk1NzA0ODda/t/all> Acesso em: 14 set. 2019. ISBN 978-85-7876-019-9.

MOURA, Murilo Marcondes. A imagem poética. Postado por Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 14 nov. 2013. 1 vídeo (2h07min.13s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KojSZIOv2uU>. Acesso em: 22 out. 2018.

PAZ, Octavio. A Imagem. In: *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 37-50

QUEDNAU, Laura Rosane. Ensino de latim: Discussão e Propostas. In: *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n. 42, jun. 2011, p. 320-338. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/26057-99515-1-PB.pdf> Acesso em: 17 nov. 2019. EISSN:2236-6385

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. O latim no brasil na primeira metade do século xx: entre leis, discursos e disputas, uma disciplina em permanência. In: *Phaos, Rev. Est. Clássicos*, n. 13, 2013. ISSN: 2526-8058. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/4597-17241-1-PB.pdf> Acesso em: 3 ago. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1857-1913. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.